S. PAULO (BRASIL.) — Sábado, 22 de março 1913 — ANNO XII — N. 183

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSIGNATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assignaturas para o exterior há a differença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

JESUS CRISTO

Quando penso na semana santa, estas palavras evocam no meu espirito uma visão remexida de *toilettes* pretas, nostálgicas dos gavetões, tristes, dando-se ares garridos, ondulando festivamente pelas ruas, redemoinhando no átrio das igrejas, misturando-se ao cheiro do incenso e do rosmaninho, e mal deixando ver, ao fundo, tronos de pequenas chamas de um amarelo palido lutando com a vasta obscuridade.

Formando moldura a este reboliço, templos pagãos, de um paganismo primitivo, altares erigidos ao Estomago, salsicharias e confeitarias engalanadas, adornadas de buxo, enfestoadas de papel azul, côr de rosa e verde, arregalando os olhos dos fieis e estimulando-lhes as glandulas salivares. E por cima de tudo isto, escorrendo da imprensa de todas as côres, uma retorica velhissima, estafada e mole, babando a Paixão do Cristo num beijo iscariotico, num fingido esquecimento de todos os odios. No fundo, todos, como diz o povo, puxando a braza á sua sardinha, cada um, supreticiamente, procurando convencer-nos de que o Cristo estava filiado no seu partido.

Pobre rabi Jeschua! Não te bastou andares de Hanan para Caifás, de Caifás para Pilatos: tinhas, ainda depois de morto, de servir de péla nas mãos dos diversos bandos que se degladiam e te arremessam uns aos outros, como arma de combate. São todos: catolicos, protestantes, anticlericais, republicanos, socialistas, comunistas, anarquistas. E nenhum tem a coragem de pôr ponto no jogo irreverente, para ir recolocar o magro rabi nas catacumbas da Historia, lá onde só penetram os que teem o respeito e o culto do passado, os que amam entrar em comunhão com a alma das epocas defuntas, e vão, cheios de simpatia, interrogar os grandes mortos, a ver se conseguem ouvir da sua boca — que foi que eles quizeram na sua passagem pela vida: — pois que a gritaria dos discipulos infieis, dos fanaticos que os rodearam e dos hipocritas que se serviram do seu nome não deixou que a posteridade pudesse ouvir a propria voz dos Mestres.

E se alguem de fora se intromete, são os que mais amigos se dizem de Jesus que mais ferozes se mostram contra o desmancha-prazeres. Foi o que sucedeu com Renan.

No meio de tudo isto, o que me espanta — ou antes não me espanta — é que os que se dizem espiritos fortes não se tenham lembrado de perguntar a si mesmos se o Cristo de que eles falam é alguma coisa de real. Porque poderia dar-se o caso, nada mais facil, que o verdadeiro Jesus fosse menos ou fosse mais, ou fosse menos e mais do que a ideia que eles formam.

Sabe-se que duvidas se teem acumulado sobre a autenticidade dos Evangelhos canonicos, mesmo depois dos livros de Strauss e de Renan, para não falar senão dos mais conhecidos. A mais moderna crítica religiosa censura a Strauss o ter seguido, de acôrdo com a escola de Cristiano Baur, com Hilgenfeld, Keim e outros, a chamada «hipotese de Griesbach», segundo a qual o Evangelho de Mateus seria mais antigo do que o de Marcos. Renan, que não caiu neste erro, cometeu, porêm, a inadvertencia de considerar este ultimo Evangelho como obra imediata do companheiro de Pedro.

Apoiando-se na primeira epistola de Pedro, — que todavia sabia não ser autentica e datar, pelo menos, do ano 130 — confundiu este Evangelho com um escrito de Marcos mencionado por Papias, bispo de Hierapolis, que atesta não ter Marcos «ouvido, nem seguido o Senhor», sendo, contudo, possivel que tivesse assistido em criança a algum episodio do drama da Paixão. O mesmo Papias refere-se tambem a uma colecção de sentenças *(logia)* do Senhor, redigida em lingua hebraica por Mateus. Mas, se esta colecção parece ser anterior á narrativa de Marcos, o mesmo não acontece ao «Evangelho segundo Mateus» em relação ao «Evangelho segundo Marcos», obras que não são nem de Mateus nem de Marcos, mas redacções posteriores repousando só em parte sobre os escritos primitivos.

O evangelho de Mateus, escrito por um judeu-cristão para judeus-cristãos da Siria que não sabiam senão o grego, é um produto da *haggada* judaica, em que as profecias messianicas de Velho Testamento aparecem realizadas nas palavras e nas acções de Jesus. Renan o Strauss fizeram vêr bem o processo da exegese, por vezes ingenuo, pelo qual elas foram atribuidas a Jesus: desde que tinha ficado assente que Jesus era o Messies, ele não podia ter deixado de fazer, para se cumprirem as profecias, um certo numero de coisas de que falam os Evangelhos.

O evangelho de Lucas é obra já de uma época de reflexão. O seu autor é, provavelmente, da segunda geração cristã. Não é judeu, o seu nome mesmo (contracção de *Lucanus*) é romano. E Renan faz ver bem o profundo respeito que ha em Lucas por tudo quanto é romano. E' um espirito dotado de sentimento literario e escrevendo para um publico já estranho ás lutas de Pedro e de Paulo, aos odios dos *ebionim* da Siria e dos cristãos helenicos. O seu evangelho é o evangelho do perdão. Da *Thora* (a Lei) já não fala: samaritanos, publicanos, pecadores, ladrões, pagãos de boa vontade, todos são salvos pela fé. Lucas devia conhecer o texto primitivo de Marcos e a colecção das *logia* de Mateus. As lendas da infancia de Jesus e as genealogias, de que não ha vestigio em Marcos, não teem quasi nada de comum em Lucas e em Mateus. Julga-se que uma parte do evangelho de Lucas deriva de evangelhos desconhecidos — que abundavam — e das tradições orais.

Quanto ao evangelho de João, a critico considera-o absolutamente destituido de carater historico. E' um produto do influxo das doutrinas neo-platonicas no cristianismo nascente. Renan, que reconhece que ele não é do apostolo João, parece, contudo, crer que ele reproduz, por tradição, algumas das narrativas que aquele apostolo costumava fazer da vida do Senhor. Esta opinião acha-se ligada á estada de João em Efeso, que Renan aceitou, mas de que nenhum personagem da Igreja da Asia, quer contemporaneo, quer do segundo seculo, diz uma unica palavra. E' sobretudo para notar o silencio do bispo de Hierapolis, tão cuidadoso em recolher as tradições apostolicas da Igreja de Efeso.

A confusão feita por Policrates e Ireneu, do João, mestre de Policarpo, com o apostolo João, parece provir da existencia, na Asia Menor, de um outro João que Papias conheceu, e que não é senão o presbitero Joanes que passou aos olhos da segunda geração cristã por um discipulo do Senhor, e que acabou por passar á categoria de apostolo. Parece, pois, que o João de que nos fala Ireneu é identico não só ao que Papias nos retrata quasi com os mesmos traços, mas tambem ao autor do *Apocalipse*.

Mas, pondo mesmo de parte o Evangelho joanico e não nos servindo senão dos sinopticos, as contradições são, ainda assim, inumeras, não só quanto á doutrina, mas tambem quanto á pessoa de Jesus. As primeiras não admiram: elas podem ser devidas é refração que a doutrina do Mestre devia sofrer em espiritos de feitio afectivo intelectual diverso, o que não nos torna senão mais dificil destrinçar a verdadeira doutrina de Jesus.

As contradições nos factos referentes á pessoa de Jesus são mais graves. E nós encontramo-nos, aqui, como no caso do Buda, em presença de duas escolas: uma que procura reconstituir a personalidade do reformador, outra que faz, sobretudo, ressaltar a parte da lenda: uma, com o racionalismo protestante, pondo na origem uma doutrina moral, outra um transbordamento de fé ingenua e de mitologia popular.

Compare-se o Cristo de Renan com o de Strauss, o Buda de Oldenberg com o de Burnouf, ou melhor ainda, com o de Senart. Estes dois pontos de vista são talvez unilaterais e, sem fazer ecletismo, é licito pensar que não se podem legimamente pôr de parte os mitos e crenças populares que formam o solo sobre que nasceram, respectivamente, o budismo e o cristianismo, mas que revoluções tão profundas não se fazem sem uma personalidade de fisionomia fortemente acentuada. Resta destrinçar qual a parte que provêm da recordação historica, qual a que pertence á crença lendaria. Talvez que nunca se chegue a isso...

Em todo o caso, eu, que não sou filologo, que mal sei o grego e que nem sequer arranho o hebraico, o que vejo de tudo isto, como conclusão ultima da critica, é que da pessoa de Jesus, como a respeito do Buda, não se sabe coisa alguma. No fundo escuro das origens do cristianismo nada mais se enxerga que a visão sinistra de um crucificado: apenas, a distancia, um grupo de mulheres que da Galiléa tinham seguido Jesus a Jerusalem, entre elas destacando-se o vulto scismador de Maria de Magdala. Por cima o palido claror de um mistico luar. E em torno da sua fronte a aureola de uma lenda. Para as almas ansiosas de infinito, para os corações sequiosos de amor azul, é bastante, — nem tanto era necessario. Para base de uma organização social, na epoca de hoje, é pouco.

***

Falaremos outro dia do cristianismo historico e do valor das suas pretenções a reger de novo os espiritos e as sociedades. Por agora direi apenas que o Jesus de Renan é assás belo, e mal andaram os crentes que injuriaram o autor, pois tão cedo não encontrarão outro Cristo que seja tão humano, tão verosimil e tão amavel.

Mais bela ainda a sua doutrina, na sua essencia depurada pela critica racionalista. Extrair da *Thora* uma lei superior á *Thora*, uma lei toda espiritual, atingindo os actos na sua origem inferior, lei que se resume no preceito evangelico de tender á perfeição do pai celeste, — tal parece ter sido a obra de Jesus. Daí o espirito oposto á letra, a pureza moral á pureza natural.

Deus concebido como pai. Esta ideia não era nova; encontra-se já entre os Egipcios: O' meu Pai Amon, eu te invoco!» exclama Ramsés II na batalha de Kadesh. Encontra-se tambem nos hindús, nos gregos e nos latinos, como o atestam os nomes identicos que eles davam ao deus do céu: *Dyaush pitar, Zeus pater, Jupiter*. Mas, entre os semitas, ela se tinha conservado em segundo plano. Jesus fê-la sua, pela importancia que lhe deu, tomando-a para centro da sua concepção de Deus. O Deus justo e santo do Velho Testamento estendeu-se aos pecadores e tornou-se o Deus de misericordia.

O reino dos céus tornado o reino dos espiritos, a liberdade das almas, o reino do bem e da justiça. A alma, entrando em comunhão pessoal com Deus e a comunhão dos fieis fazendo-se pela união em Deus. Um culto puro, sem data, sem patria; uma religião sem padres, sem templos, sem praticas exteriores, repousando inteiramente sobre os sentimentos do coração, sobre a relação imediata com o Pai celeste: eis o que é belo!

Dir-se-á que Renan, representando Jesus como um puro idealista e uma especie de anarquista transcendente, procurou tambem chama-lo para o seu gremio. De modo algum. A ironia de Renan é demasiadamente subtil para que nós nos atenhamos ao que as suas frases parecem querer dizer, e a sua inteligencia demasiadamente fina para que ele não soubesse que o seu Jesus é apenas o Jesus tal qual a sua alma idealista de bretão se compraz em imaginar que ele foi.

O Cristo de Renan é um Cristo neo-hegeliano que meditou a critica de Kant, leu Hegel e Comte, conhece Ficht e Schleiermacher e toda a exegese moderna. E o seu cristianismo é um cristianismo racionalista, um cristianismo ideal.

E eu creio que pode bem amar o Cristo de Renan mesmo quem não é cristão. Que nós ignoremos se ele reproduz ou não o Cristo historico, pouco importa: ele não deixa, por isso, de ser o simbolo das aspirações de um certo numero de almas de todos os tempos. Almas inquietas, almas doentes? Que importa se o seu sofrimento é real? Ha mister sómente não concluir destas necessidades subjectivas a existencia de uma realidade objectiva que lhes corresponda. Depois de Kant, uma tal passagem é inadmissivel.

A Igreja cristã, e mais particularmente a Igreja catolica, acha-se cada vez mais em contradição com as necessidades subjectivas da civilização contemporanea; mas o cristianismo ideal e subjectivo creio bem que existirá sempre, pelo menos emquanto existirem almas que sejam mais sensiveis do que outras á desharmonia que nós vemos entre o espirito e o mundo, entre o facto e o direito, entre o real e o ideal.

Jesus abaixou-se a fazer milagres? Tinha de faze-los. Penetremos nessa fornalha de paixões politicas e religiosas que era a Judéa de então: era aquela a marca pela qual se conhecia um *rabi*. Calcou aos pés a familia, a patria, o amor, para não ver senão a sua ideia fixa? Disse ele: «o que ama

O que aconteceria...



... se o Cristo existisse e se désse á pachorra de ir visitar o Vaticano...

Acusação á cruz

Ha muito, ó lenho triste e consagrado!
Desfeita podridão, velho madeiro,
Que tens avassalado o mundo inteiro,
Como um pendão de luta levantado.

Se o que foi nos teus braços cravejado
Foi realmente a Hostia, o Verdadeiro,
Ele está mais ferido que um guerreiro,
Para livrar das flexas do Pecado.

Ha muito já que espalhas a tristeza,
Que lutas contra a alegre Natureza,
E vences, ó Cruz triste! Cruz escura!

Chega-te o inverno, simbolo tremendo!
Queremos Vida e Acção — Fica-te sendo
Um emblema de morte e sepultura!

Gomes Leal.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

séde, rua Marechal Floriano Peixoto n. 118

Quinta-feira, sexta-feira e sabado haverá, ás 8 horas da noite, conferencias de propaganda do livre pensamento.

Pede-se aos srs. associados comparecerem com suas familias.

A entrada nesses dias é franca para as pessoas que ás mesmas queiram assistir.

A Directoria.

CAUTÉRIOS

XCI

NA SEMANA SANTA

E' a ti que me dirijo, humilde proletário,
Mártir das opressões sociais, que és hoje em dia
O indolente Judeu que o clero e a burguesia
Arrastam, sob a cruz da miséria, ao Calvário:

Ergue a fronte e abandona êsse ar de cobardia,
A servil submissão dêsse Cristo lendário;
Torna-te um revoltado, um ladrão, um incendiário,
Mas repele de ti a cruz que te angustia!

Se não ouves a Ideia, a Lógica, a Consciência,
Escuta então a voz do teu ventre esfomeado,
'A qual tenta abafar o festim da Opulência!

E ressuscitará para um mundo perfeito,
Sob o forte esplendor dum sol mais bem-fadado,
Entre hossanas febris do ventre satisfeito!

Beato da Silva.

o pai ou a mãi, mais do que a mim, não é digno de mim; o que ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim »? (Mateus, X, 37). Os crentes que se esquivam a discutir estes pontos e os incredulos que insistem mostram simplesmente, uns e outros, desconhecer a psicologia do genio.

Por mim, amo este magro e palido judeu nos seus primeiros dias, os dias do Caná, na verde Galiléa, no sopé dos montes que limitam ao norte a planicie de Asochis. Amo-o de o ver na linhagem dos promotores idealistas do culto puro: Jesus, filho de Sirach, Gamaliel, Antigono de Soco e o doce Hillel. Amo-o no sermão da montanha; amo-o na sua atitude em frente dos sustentaculos da Lei: os saduceus incredulos, os *bæthusim* mundanos e materialistas, os fariseus de longas vestes e longas franjas doiradas, hipocritas e formalistas; os escribas de largos filaterios, olhando desconfiados o moço profeta galileu.

Mas justamente porque o amo é que não posso coloca-lo, como Renan, tão alto que ele se nos torne inimitavel e extranho á natureza humana. Não vejo mesmo que possa haver um criterio que não seja inteiramente arbitrario, para considerar um homem como o maior de todos. Se as suas fraqueass não são para desce-lo do seu lugar ao lado dos maiores, não deve tão pouco o esquecimento dessas fraquezas servir para abaixar os que lhe são iguais.

Em qualquer parte onde se encontre uma alma pura e forte, sacrificando-se por um ideal largamente humano, dura para si propria e terna para tudo o que sofre e chora, não vamos nós dizer-lhe: « tu nunca igualarás Jesus »; pois que ela pode sofrer e amar como Jesus sofreu e amou. Joana d'Arc diante da Inquisição de Ruão, diz Havet, e eu acrescentarei: Socrates diante dos heliastas, Giordano Bruno diante da Inquisição de Roma, valem bem Jesus diante de Caifás.

Direi mais: no ponto de vista da moral individual e como exemplo da força de caracter, Socrates bebendo a cicuta vale mais do que Jesus no Golgota. No fundo, dado o balanço ás suas vidas, ver-se-á talvez que tudo se compensa. E em todos os tempos, uns amarão mais Jesus, outros amarão antes Socrates. E uns e outros terão razão.

José de Magalhães.

A lei do arrocho

A agitação ganha vulto — Os protestos surgem por toda a parte.

Vai de dia para dia ganhando maiores proporções a agitação popular contra a infame lei scelerada votada para uso e goso dos feudatarios senhores desta vasta fazenda paulista.

Por todo o Brazil, em reuniões associativas, nos comicios publicos e pela imprensa clama-se, protesta-se com energia, incessantemente contra essa monstruosidade codificada.

O dr. Rui Barbosa, uma das figuras proeminentes da vida publica do paiz, em uma carta aparecida nos diaros, declarou-a atentatoria de todos os principios liberais da lei basica do paiz.

No estrangeiro, então, a campanha ocupa já grande parte dos jornais populares.

E ainda ha de tomar maior vulto esse grandioso movimento das consciencias livres contra esse miseravel atentado a todas as liberdades publicas.

O fanatismo

O deputado social-democratico austriaco Schuhmeier foi assassinado em Viena, em meados de fevereiro, por um operario chamado Kunsckak, irmão dum deputado social-cristão.

O assassino declarou que quizera ferir a "cabeça do partido socialista" — decerto em nome do amor cristão. Ha um ano e meio que procurava ocasião de exercer o seu acto de odio e de vingança.

A vitima era muito popular.

Da porta da Europa

As sufragistas inglesas e os seus varonis processos de luta — São anarquistas ?... — A eficácia da sua acção: a questão está bem posta! — A unica solução — O sufrágio universal pela greve geral, na Hungria e na Bélgica — Está marcada a greve geral belga — Inquietação dos conservadores, entusiasmo da massa — Esforços conciliadores — Venha depressa a reforma!

LISBOA, 1 DE MARÇO

As mulheres, especialmente as das classes médias, querem o direito do voto, e querem-no com singular energia muito particularmente na Inglaterra.

O telégrafo ja vos terá dito que as sufragistas inglesas, quando viram que o parlamento não lhes concedia ainda desta vez o direito eleitoral, entraram na via das resoluções desesperadas e não estiveram com meias medidas: uma bomba na casa de campo do ministro Lloyd George, em Walton-on-Hill, atentado êste cuja responsabilidade foi corajosamente assumida pela generala do sufragismo feminino, Mrs. Pankhurst; petróleo e fogo no pavilhão-restaurante dos jardins de Kew; agressão a um juiz; destruição de grandes quantidades de correspondência, nos marcos postais das ruas; demolição das cabines telefónicas de Birmingham e outras coisas que não lembrariam ao diabo. Porque as mulheres, quando se metem neste género de empresas, causam susto e pasmo ao próprio diabo do inferno.

No entanto, estas senhoras não são anarquistas. Graças á grande imprensa — mensageira da Verdade, clarim do Progresso, etc. — o grosso publico chama anarquismo ao simples uso da violência nas reivindicações políticas ou sociais. Ora as sufragistas inglesas reclamam uma coisa bem oposta ao anarquismo: o sufrágio eleitoral, para escolha de governantes e fabrico de leis.

Mas a saborosa ironia do caso é que as damas, reivindicando um substitutivo da acção directa, é a esta última que recorrem, dando-lhe mesmo as formas mais agressivas. E parece que não teem outro remédio, pois, enquanto se limitaram a prègar e a suplicar, ninguêm as escutava, ninguêm ouvia falar delas, ou então, se alguem ouvia, sorria-se, dizia um gracejo e passava adiante.

Ágora a imprensa protesta, indigna-se, vocifera. Pessoas graves e circunspectas pontificam que elas, daquele modo, nada obterão. O governo promete todo o rigor. Mrs. Pankhurst está solta sob fiança. A's sufragistas vão ser distribuidas doses de *hard labour*, que elas já mostraram não recear grandemente. E depois?

Depois, será preciso acabar por seguir o conselho do celebre dramaturgo Bernardo Shaw, que no meio das opiniões furiosas de muitos entrevistados fez ouvir a nota mais simples e mais sensata: « Eu daria o direito de voto às mulheres. »

Quanto a mim, não posso colocar-me em condições de lhes fazer tal presente, mas desejo bem que lhes seja feito. E' um direito ilusório, sobretudo para os pobres? Que importa! Se elas o reclamam, que o tenham, com a breca! e que lhes faça bom proveito! Demais, às damas, se não às operarias, não será de todo inútil, ao menos em influência e vantagens particulares, ainda que as mulheres sejam apenas eleitoras...

Segundo os princípios democráticos, todos os homens, mesmo os mais obtusos, teem ou devem ter direito ao voto: porque não o possuem as mulheres, mesmo as mais inteligentes?... A mulher tem uma função específica, está por natureza destinada ao lar, não à administração da coisa publica? Pois se assim é, nada receiem: por natureza voltará ao lar... Bem débil é a « natureza » que precisa da coacção legal...

Mas não são sómente as mulheres que pretendem o direito de voto e lançam mão da acção directa para o conquistar. Tambêm o querem, generalizado, os socialistas democráticos e os liberais da Hungria e da Bélgica. E' até com a greve geral que o sufrágio universal vai ser reivindicado pelos sociais-democratas hungaros e belgas — pelo menos assim o prometem eles, que à greve geral teem dirigido ataques quando se trata de... reclamações económicas!

Depois de tantas hesitações e adiamentos, os socialistas democráticos da Bélgica fixaram a data da declaração da greve geral no dia 14 de abril. Diz-se que o movimento poderá durar um mês, preparando-se os operários para uma resistência tenaz. Assim, as crianças serão afastadas em grande parte do campo da luta: os socialistas holandeses, do seu lado, tomarão conta de duas mil. Sucedem-se as reuniões e comícios, sendo a projectada greve aclamada pelas assembleias fabris. De 23 a 25 deste mês, um congresso do « Partido Operário » tomará as últimas decisões.

A inquietação é grande no mundo industrial, comercial e político. Apesar das afirmações dos chefes social-democráticos, apesar do seu compromisso, realmente exagerado, de manter a ordem, ninguêm sabe aonde irá dar o movimento... Por isso fazem-se esforços desesperados no sentido de evitar ainda o estalar da tempestade, que parece inevitável, ante a teimosia do govêrno clerical e a impaciência do elemento genuinamente operário, já descontente por ter sido retido e sofreado outras vezes.

Os grandes industriais reuniram-se; mexeu-se a « Federação dos comerciantes a varejo »; concertaram-se os burgomestres das capitais das nove províncias. Todos propõem formulas conciliatórias. No próprio seio do partido social-democrático, movem-se influências conservadoras, situações adquiridas, temores de responsadades, procurando abrandar o ímpeto da massa.

Se entretanto esta vencer no seu propósito, teremos... não sei o quê; depois talvez o sufrágio universal puro e simples, em vez do voto plural (duplo ou triplo) aos privilegiados; depois... ai! as desilusões democráticas... Bem-vindas sejam elas!

Os govêrnos recusam ceder o sufrágio, com tenacidade; e compreeende-se. Um alargamento do sufrágio pode trazer consigo um deslocamento de partidos de govêrno, de pessoal dirigente. Quanto aos dirigidos... êsses só terão que ganhar: uma boa e salutar experiência. E então, os meios agora empregados para a conquista do famoso direito de eleger, talvez sejam usados para fins mais substanciosos...

Neno Vasco

Doce sono

Cristo, o do Gólgota e de Getsemani, disse a seu Pai:

— Eis que das suas escolas e pretorios expulsou a França a minha ensanguentada e redentora efigie. Não contentes por ter exilado os nossos frades, esfomeado os nossos padres, os ministros dela divertem-se a apagar as estrelas do firmamento, como os estudantes a quebrar os candieiros da Universidade. Tenho que ir, pois, recordar á França as glorias do seu passado e reconduzi-la, com um milagre deslumbrante, á via das suas tradições. *Gesta Dei per Francos!*

— E que milagre ha-de ser? perguntou incredulo e impassivel o Padre Eterno.

— Que dirieis, meu pai, se eu, levantando a tampa do seu tumulo, de lá fizesse sair Voltaire, o francez que maior mal nos causou?

— Na verdade, acho esplendida a lembrança, e parece-me bem que lhes pregarias uma boa partida, a eles, aos seus discipulos e aos mações. Vai, meu filho; mas para que o milagre seja mais probante, pede primeiro a Voltaire o seu assentimento.

Jesus deixou, pois, o Paraiso, e trajando um simples terno cinzento claro, para passar despercebido, foi direito ao Panteão de Paris. Ao chegar perto da sepultura do velho filosofo, cujos sarcasmos danificaram tanto a sua divindade, sentiu-se Cristo um tanto comovido. Depois, engrossando a voz:

— Dormes contente, Voltaire?

— Durmo, meu amigo, e desejo continuar. Quem és tu, que vens assim perturbar-me o sono?

— Sou Jesus, filho de Deus, e pergunto-te se queres voltar, com teu genio, á doce luz do dia.

— Obrigado: de lá venho e estou farto.

— Como assim? Tu morreste ha mais dum seculo?

— Já? Parece que foi ontem! E' tão bom dormir aqui!

— Recusas então ressuscitar?

— Com toda a energia dum morto que morto quer continuar.

Jesus, estupefacto, deixou cair a tampa do tumulo.

Não era longe o de Victor Hugo.

— Vejamos este, disse ele consigo. Este tambem nos fez mal. A sua ressurreição seria de efeito.

— Hugo! Hugo! clamou ele, batendo no marmore mudo. Sou aquele que entre dois ladrões morreu para te salvar. Consentes em voltar á terra para de novo cantar na lira, com acentos ainda mais belos, todos os esplendores e todas as glorias, todas as alegrias e todas as tristezas da vida?

— Para que, senhor? Sou o sol dum seculo extinto; e suplico-vos que me deixeis em paz.

Cada vez mais assombrado, Cristo deu alguns passos mais, detendo-se ante o tumulo de Pasteur. «A sciencia foi para nós bem cruel, pensou ele, e ressuscitar um sabio como este seria ainda mais decisivo.» E com voz amiga, interpelou o bemfeitor da humanidade:

— Restam ainda muitos misterios a descobrir. Queres voltar ás tuas retortas, com um cerebro dez vezes mais poderoso?

— Senhor, trabalhei, levei a cabo a minha tarefa, que outros continuarão. Ganhei bem o meu repouso.

Jesus deixou-o dormir.

— Filosofos, poetas, sabios, pensou ele, já não querem a vida, talvez porque considerem terminada a sua tarefa, talvez porque morreram saciados de satisfações e de gloria. Vamos aos Invalidos ressuscitar Napoleão, que teve vida curta e colossais ambições.

Ante o catafalco de granito, Jesus bradou:

— Majestade: sou aquele cujo papa tu insultaste, mas cujos altares reergueste, e venho, em nome de meu pai, propor-te a desforra de Waterloo.

— Mais vale a «Entente Cordiale», respondeu Cesar. Deixai que eu durma, sem ouvir o ruido do canhão.

Cristo saiu dos Invalidos, pensativo. Não queria voltar para casa do pai sem o seu milagre. Resolveu dirigir-se aos que viveram e morreram sem gloria, aos mortos de Père-Lachaise. Em vão, porêm, propoz a ressurreição a centenas de anonimos, para a realização dos seus mais ardentes sonhos: todos queriam dormir. Adolescentes, crianças, ricos e pobres, todos recusavam as alegrias da vida e a riqueza. Jesus, desanimado, ia sair do cemiterio, quando lhe ocorreu que só consultara homens.

Acercou-se então do primeiro tumulo de mulher que encontrou:

— Queres retomar a vida de outrora?

— Como, Senhor? Fareis isso á vossa humilde serva? Poderei enfim mexer a lingua, imovel ha tanto tempo, ir á modista, visitar as amigas, dizer mal delas e fazer enraivecer meu marido, o monstro que tão levianamente trai o luto por mim? Ah! Senhor! se tal fazeis, prometo ir a todas as missas e festas da igreja, levando de cada vez um vestido novo!

Jesus sorriu, e tendo pronunciado a fórmula de ressurreição, perguntou:

— Posso saber o seu nome, minha senhora?

— Madame Benoiton.

E saltitante como uma libelula, a dama do bom tom foi-se embora, não sem ter lançado ao porteiro do cemiterio:

— Se me procurarem, diga que saí.

Jacques Dô.

ADOLFO VASQUEZ GOMEZ

Por um telegrama recebido nesta capital, sabe-se ter embarcado no dia 15, no Rio Grande, com destino a esta capital, o ardoroso propagandista Adolfo Vasquez Gomez, que vem realizar diversas conferencias de propaganda nesta capital e no Rio.

A Loja União Espanhola está preparando um carinhoso acolhimento ao apreciado conferencista.

E' de esperar que todos livres-pensadores de S. Paulo concorram para o bom exito das suas conferencias, mormente agora, que o orgam das sentinas clericais já se poz, a ladrar contra ele.

Um cumulo

A administração dos correios russos suspendeu, em 20 de fevereiro, a venda dos selos comemorativos do centenario da dinastia. Sabem porque?

E' que o selo tinha a efigie do tsar e a extrema-direita do Santo Sinodo protestou indignada, pois assim o carimbo postal iria sujar a sagrada face do monarca!!

E segundo parece, estamos no seculo XX.

O CORAÇÃO DE JESUS EM FOCO

Infamissimo atentado

Como no caso Idalina, tudo será abafado — Por meio de embustes o Liceu foi salvo — Nós descobrimos o verdadeiro culpado...

Como acabou o caso do menino do Coração de Jesus? perguntam-nos de toda a parte.

Facil é a resposta, como no caso Idalina.

Lembram-se do que fez a imprensa, do procedimento das autoridades, dos manejos de todos os jesuitas encasacados por ocasião da mistificação da Maria Magdalena, que foi apresentada como sendo a pobre Idalina?

Pois tivemos agora a repetição de tudo isso.

Um pequeno, interno do Coração de Jesus, é vitima dum repelente delicto, apresentando-se gravemente atacado de molestias venereas. Interrogam-no sobre quem tinha sido o seu algoz e onde se havia dado o crime. O pequeno indicou o Liceu do Coração de Jesus e disse ser o criminoso uma pessoa que numa das mãos tem uma cicatriz.

E no Liceu ha um interno e um padre com esse sinal.

O *Estado*, o orgam magno desta capital, dá uma cautelosissima nota sobre o caso. A' tarde aparece a *Lanterna* com a denuncia completa.

Aparece então como responsavel do crime um pobre moço. A grande imprensa publica-lhe o retrato, descobre-lhe os traços lombrosianos da criminalidade, anunciando um exame medico a que o haviam submetido e do qual resultára a existencia das molestias encontradas tambem no menino.

Era ele o culpado, não restava disso a menor duvida.

Dias após muda-se o scenario e o protogonista. Já era outro o criminoso.

O facto dera-se já não no Liceu mas em Sorocaba e o criminoso era um primo da vitima.

Interrogado, este, declarou ele que, realmente, incitado pelo primo já viciado, havia praticado com ele actos de homo-sexualismo. Provou entretanto que as molestias de que estava atacado, as tinha contraido muito tempo depois.

E será esse, provavelmente o bode expiatorio.

Está salva a reptutação da sagrada gente.

Entretanto, respondam-nos:

— Porque negou o padre prefeito do Liceu que o menino pertencia ao colegio quando foi procurado pelo seu tio, para depois confessa-lo á autoridade?

— Porque indicou o menino o Liceu como o local do crime?

— Porque foi acusado o moço Antonio Golini, que depois provou ser inocente?

— Onde contraiu o pequeno o vicio da pederastia?

Ultima hora

A' ultima hora trouxe-nos o nosso reporter que andava em deligencias uma nota importantissima.

Não foi realmente o sr. Antonio Golini, nem o primo da vitima, nem o padre da cicatriz. Nós descobrimos o verdadeiro criminoso e aqui o vamos apontar a justiça.

O autor do repelente atentado, nós podemos provar ser o Espirito Santo...

EM GUARDA!

Não vamos aqui soltar gritos inuteis, perder o nosso tempo com lamentos e queixumes implorando justiça contra as infamias já cometidas e outras que fatalmente lhes seguirão pelos opressores dos proletarios. Estão no seu papel, e o contrario é que seria de admirar acontecesse.

Sabemos que vivemos sob a violencia organizada, debaixo do porrete do beleguim da secreta e do chanfalho do policia, estes homens do povo que, para saciar a fome, aceitaram alugar o seu braço para inconcientemente manterem na opulencia e na ociosidade uma classe que é inimiga irreconciliavel daquela de cujo seio sairam e para a qual voltarão, uma vez que a velhice e a invalidez tenham esgotado as suas forças.

Tempo virá entretanto em que estes homens, porque em cada um de nós, por mais degradados que sejamos, sempre subsiste um lado bom, envergonhados do papel que desempenham, não mais quererão ser os Cains da classe a que pertencem.

Queremos tão sómente que os nossos companheiros, os proletarios, todos aqueles que ainda não perderam de todo a noção exacta das coisas, os que pensam e sofrem, aqueles que já antevêem, por detrás da bruma que nos cerca, os festivos dias de uma existencia melhor, quando não para nós, ao menos para os que nos hão-de suceder, não se deixem levar pelo desanimo diante das ameaças de nacionais e estrangeiros mancomunados, aqui como em toda parte, na obra de manterem debaixo da maior pressão a massa exploravel.

O belissimo movimento popular que ora se nota, incontestavelmente orientado pela C. O. B., que soube a tempo evitar que o povo se lançasse mais uma vez na politica esteril da ambição e da pilhagem, é uma esperança de proximo renascimento, de despertar da conciencia coletiva que pouco a pouco vai sendo conquistada pelos novos ideiais que já se vão impondo como a unica solução possivel do grande problema.

Que importa que um dos nossos, Cecilio Vilar por exemplo, seja, sem ter cometido crime algum, arrancado violentamente da tipografia onde trabalhava, levado á presença de um dogue qualquer da policia, que o trata de *vagabundo* e depois manda-o meter no xadrez!

Estes factos servirão de prova de como não somos nós que damos o exemplo da violencia boçal, estupida e contra-producente.

Sabe-se, toda a imprensa tem noticiado, que a policia, isto é o governo, quer sufocar o clamor publico, originado pela insuportavel carestia da vida, aplicando a lei de expulsão feita ás pressas pelos senhores que ganham com mil réis por dia!

A' data em que estas linhas são escritas, a lista dos condenados já era grande!

Isto quanto aos estrangeiros. Os nacionais ficam á disposição, ao arbitrio de quem pode e manda.

Perfeitamente. Isto de respeito á Constituição republicana é uma historia. Pelo menos neste ponto estamos todos de perfeito acordo, os de cá e os de lá. Ainda bem!

Os estrangeiros não teem nenhum direito a se queixar da vida cara. Se teem mulher e filhos brazileiros a sustentar que os levem comsigo para a terra ou deixem-nos morrer pouco a pouco de fome sem tugir nem mugir.

Em guarda, pois, todos nós!

Unamo-nos contra o inimigo comum; o numero, a força estão do nosso lado. Tenhamos a compreensão nitida, clara da situação em que nos achamos. Não percamos de vista o menor gesto, o menor movimento do perfido inimigo. Se somos espezinhados, ludibriados, tratados como bestas de carga, é pela educação de submissão que nos foi dada pelo padre, o maior sustentaculo, o maior agente dos despotas, que conhecem perfeitamente o auxiliar poderoso que nele teem.

Livremo-nos de sua tutela, e teremos dado o maior passo para a conquista da nossa liberdade.

Enquanto a isto não nos tivermos resolvido, não esperemos sair da prisão, do labirinto em que nos achamos. Desde que o homem criou uma divindade, á qual se acha sujeito, desde esse dia ele instituiu para si a escravidão sob as suas diversas formas.

Foi ele mesmo o autor da obra que o vem martirizando.

Adrecal.

Rio, 16 — 1913.

Biblia vermelha

Crê-se porque se crê, e melhor razão de crer nunca se terá.

***

Muita gente faz ao seu Deus o sacrificio da sua razão, a qual lhe importa pouco, e não quer sacrificar-lhe a menor das suas paixões, as quais muito lhe importam.

***

A santidade nem sempre vive bem com o bom-senso.

(Pensamentos extraidos das obras de **Victor Cherbuliez.**)

A vida de Cristo

A verdadeira historia de Jesus fica reduzida a muito poucas palavras. E' uma historia muito breve e muito simples, em que todo o mundo, desde os judeus contemporaneos de Jesus até aos ultimos visionarios de nossos dias, tem acrescentado alguma coisa.

Jesus foi um bom judeu que nasceu não se sabe com certeza se em Bethlem ou em Nazaré. A coincidencia de ser filho de uma virgem, isto é, de uma mulher solteira, deu origem a que ele se julgasse um homem superior, já que todos os grandes homens não teem nascido de uma copula regulada, mas por uma pura imposição desconhecida que faz unir dois seres para procrear o *preciso, o que ha de vir*. Os outros homens serão genios, não enviados.

Os herois, disse Michelet, são os melhores filhos do amor voluntario. Voluntario é livre, sem peias de nenhuma especie.

A virgindade de Maria é um equivoco fatal para os homens, um terrivel *calemburg* hebraico. A palavra virgem, *kadhessa* em hebreu, quer dizer tambem prostituta.

Não ha nisto nenhuma irreverencia. A prostituição antiga era completamente sagrada, religiosa; não era infamante como hoje. Os deuses nasciam assim, por casualidade, e as mulheres da Siria, da Palestina, de toda a Asia Menor, procuravam fazer com que qualquer estrangeiro que ali chegasse fosse recebido em seu seio como um enviado divino.

O pai de Jesus, segundo os judeus do seu tempo, foi um tal Pandira, que depois de o procrear desapareceu da scena, como qualquer cristão de nossos dias que engana uma modista. Apenas Pandira não o fez como abandono, mas por costume geral do seu tempo.

O filho de Maria foi assim um filho do Homem, o verdadeiro filho do Homem, do Desejo, da Fome ou da sobra de uma boa digestão.

O rapaz nasceu, segundo as referencias mais antigas, 126 anos antes do que a Igreja supõe.

A sua posição social e a sua posição civil pesaram sobre o seu animo, tornando-o melancolico e triste. O estudo serviu-lhe de refugio e, estudando, soube a historia do seu povo. Um grande povo sumido na decadencia, um povo envilecido, dominado e subjugado por estrangeiros.

Os poetas antigos da Judéa — os bardos e os filosofos do paiz, que previram a sua ruina e os que a viram depois, procuraram remediar a sua pena julgando que aquela situação não podia prolongar-se. Ezequiel, Isaias, Daniel e Jeremias, os principais filosofos e poetas, assim como os infimos cantores Oreas, Micheas, Habacuch e outros, receavam uma ressurreição de Israel: a Regeneração, graças a um regenerador que seria por isso o rei dos judeus.

E como virá? — perguntou Jesus a si mesmo. Como nascerá neste povo sem armas, sem valor, sem energias? Jesus lançou-se a prégar e prégou porque não podia manejar uma espada: «Eu sou o enviado; eu sou o rei dos judeus. Um rei que fará moralmente feliz este povo.»

Como não se tratava mais do que de moralidade, deixou-se o homem. A moral foi insuficiente e aquele anarquista passivo puxou da lingua, injuriou os sacerdotes e foi apedrejado em Lud, segundo o mais antigo testemunho: o Talmud jerosolimitano.

Jesus não foi mais além e aí termina a sua historia.

A invenção do cristianismo foi uma lembrança de S. Paulo.

A palavra cristão, completamente latina, é muito posterior a Jesus. O ensino do cristianismo nada tem que ver com o sublime exposto galileu que, ao morrer, compreendeu a inutilidade da sua obra proferindo aquelas horrorosas palavras que o denunciam como vitima do mais cruel desengano: «Senhor, senhor! Porque me abandonaste?»

A partir de S. Paulo, o primeiro anti-Jesus e verdadeiro primeiro hereje, o cristianismo aparece como uma nova religião. Os primeiros cristãos anotam pouco a pouco as suas recordações, distribuem-nas sem ordem e aparecem os Evangelhos, todos os Evangelhos: os verdadeiros e os falsos.

S. Paulo é o primeiro que supõe Jesus como vitima necessaria para salvar os homens do pecado. Coisa que não se encontra em nenhum Evangelho, nem sequer no de S. João, o ultimo dos escritos e escrito com desejo de fundamentar uma grande farça.

As densas ideias do cristianismo nascem depois á medida que o povo vai assinalando uma contradição, um disparate. O bispo Ario lembrou-se de perguntar como Jesus, sendo filho de Deus, tem a mesma idade que seu pai; e o concilio de Nicéa inventou a Trindade. Pelagio assegurava que a morte de Adão foi um fenomeno natural, porque tudo quanto nasce morre, e o concilio de Cartago afirma a existencia do pecado. Nestorio disse: «A Virgem poderá ser a mãe de Jesus, mas não a de Deus», e reuniu-se o concilio de Efeso. O mundo cristão não compreende que Jesus, filho de Deus, seja um homem como os outros e outro concilio decide o dogma da Imaculada.

A Igreja tem ido sempre atrás dos herejes. Tem feito como os jogadores trapaceiros quando perdem: «Isso não está permitido; a lei do jogo é esta.» E então, um lembra se de uma lei completamente desconhecida. Por conseguinte, inventou-se, hein!

A historia e vida de Jesus tem sido ampliada pouco a pouco. Tem crescido com as interpretações e com as visões dos enfermos.

A vida de Jesus tem recebido assim, desde a sua origem, duas influencias: a politica ou religiosa, inaugurada por S. Paulo e seguida por S. João e os padres da Igreja; e a daqueles desterrados do Oriente, que alucinados pela semelhança externa do mito que os cristãos iam criando, lhe acrescentaram por sua parte o melhor das suas recordações da Asia: o vestuario de outra religião.

Jesus foi para estes ultimos o mesmo Sol, o sol que nasce no solsticio de inverno, em 24 de dezembro, debaixo do signo de Virgo. Os outros signos são as suas idades, a sua vida, como o foram em outro tempo as façanhas de Hercules, ou as de Pio Cid, se Ganive tivesse vivido para escrever a historia do unico Cristo concebivel em nosso tempo.

A Igreja decidiu-se muito tarde pela data de 24 de dezembro, no seculo IV. Antes, o nascimento de Jesus celebrava-se em datas muito diversas. Em 15 de setembro, em fevereiro, em agosto, em junho ou em julho. Prevaleceu a lenda do frio e marcaram-no ao nascer das flores.

Os milagres de Jesus? As aparições? A sua viagem aos infernos? Quem se ocupa disso! Os pobres doidos, os fracos de entendimento; todos os pobres de espirito e eunucos cerebrais. São esses os pobres que hipocritamente asseguram, como todas as seitas duvidosas: «Aqui cabe todo o mundo», que Jesus lhes pertenceu por completo.

Jesus foi democrata, socialista, anarquista tolstoiano, maçon. Jesus foi... Jesus não foi nada disso; foi um bom hebreu que não pensou em nenhuma coisa dessas, porque ainda não existiam. Um homem mais viril do que o afeminado que Renan nos ofereceu e menos bruto do que julgam os inquisidores eclesiasticos.

Alguma coisa assim como um Costa da Judéa, mas mais razoavel, com mais valor, com exemplo de morte. Porque só expondo-se a morrer se fundam as ideias.

Rafael Urbano.

A UM CRUCIFIXO

Ha mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: ha Deus! e olhaste, ó crente,
O horizonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem eco o eco de teus passos,
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojaras de novo á campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudario...

E agora, como então, viras o mundo exangue,
E ouviras perguntar — de que serviu o sangue
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvario? —

Anthero do Quental.

O povo contra o regimen da fome

A agitação em S. Paulo vai se estendendo, apesar do silencio da imprensa — O comicio monstro do Rio — O povo deve continuar a protestar.

Não é só no Rio que o povo se vê forçado a agir contra a premente situação de miseria resultante da grave crise economica que nos assombra com a denominação da *Carestia da vida*.

Aqui, tambem, na capital paulista, o povo vai saindo para a praça publica afim de reclamar das entidades competentes algumas providencias no sentido de se tornar a vida menos dificil e libertar as classes proletarias da miseria que lhes avassala os lares e mata os sentimentos humanos com a prospectiva da morte pela inanição e pela fome.

E assim é preciso.

S. Paulo, mais do que o Rio, apresenta um quadro desolador, que contrange, que aterra, provocando justos protestos contra os fautores da carestia da vida, que são os fundadores de *trusts*, os capitalistas, os proprietarios de predios, os açambarcadores dos generos de primeira necessidade, enfim, os homens do governo que esbanjam o dinheiro do povo sobrecarregando-o ainda de pesados impostos.

A miseria, aqui, não tem limites. E' o que se observa tanto na capital, como nas cidades do interior, causando verdadeiro contraste com a opulencia dos srs. fazendeiros, dos grandes comerciantes e demais exploradores que se acham á frente dos *trusts* e das grandes companhias industriais.

Dados esses motivos não era possivel que o povo paulista permanecesse indiferente diante do perigo e não procurasse conjura-lo.

Foi o que aconteceu, graças á iniciativa da Liga Popular Contra a Carestia da Vida, fundação data de junho do ano passado, tempo em que se realizou uma serie de comicios de protestos: um no centro e outros nos arrabaldes da capital.

Foi uma agitação bem orientada, que durou algum tempo, mas, a principio, sem grande resultado por falta de estimulo, em virtude da imprensa diaria da capital que, além de não se interessar pela grave questão, tem procurado hostilizar o movimento.

Agora, porêm, com a noticia do que se passa no Rio, os animos se prepararam de novo e mais fortemente se agita o povo contra a carestia da vida.

Os comicios do Rio, pelas abundantes noticias da imprensa carioca, aqui têm repercutido de modo animador, instigando-nos para a luta, que ja foi reencetada no dia 15 do corrente, com o primeiro comicio, que teve realização

No largo S. Francisco

com regular assistencia, apesar da chuva que caiu pouco antes do seu inicio.

Nele tomaram parte o dr. Passos Cunha, que falou em primeiro lugar e depois, Pedro de Oliveira Mesquita, Edgard Leuenroth, Paulo Cruz e Zenon Budaschesfki.

O comicio principiou ás 8 horas da noite e terminou ás 9 1|2, sendo encerrado pelo dr. Passos Cunha, que convidou o povo a comparecer ao segundo *meeting* no dia seguinte, que foi realizado no Braz, no belo

Largo da Concordia

O povo, á hora aprasada, compareceu ao local, em massa numerosa, notando-se entusiasmo geral.

O primeiro orador que falou foi o operario Zenon Budaschesfki, que em breves palavras expoz o fim do comicio.

Em seguida ocupou a tribuna o sr. Leão Aimoré, que fez uma sucinta argumentação sobre a causa determinante da crise economica que nos assoberba e indicou diversos meios capazes de resultados vantajosos na actual conjuntura.

Ao terminar foi aplaudido pela multidão.

Seguiu-o com a palavra João Penteado, que terminou sua oração protestando tambem contra a lei de expulsão de extrangeiros.

Depois, falaram ainda: Juvencio Santos, J. Maffei, Antonio Nalepinsk e Edgard Leuenroth.

Foi uma bela manifestação popular, a que se realizou no largo da Concordia, na qual o ultimo orador convidou o povo a comparecer terça-feira, dia 18, ás sete da noite, no populoso bairro operario do

Bom Retiro

Ali, no encontro das ruas dos Imigrantes e Tenente Pena, no dia e hora indicados, tivemos a agradavel oportunidade de ver mais uma vez o povo despertar-se de seu letargo para reclamar por seus direitos, atendendo á concitação para isso feita pela Liga Popular Contra a Carestia da Vida.

A assistencia excedeu á nossa expectativa e o entusiasmo notado foi grande, tendo usado da palavra, em primeiro lugar, o sr. Deodoro Silva, aluno da escola de comercio, que foi bastante feliz em sua estreia na tribuna publica, merecendo, ao terminar, calorosos aplausos da multidão.

Depois continuaram com a palavra Antonio Nalepinski, Zenon Budaschesfki, João Penteado, Juvencio dos Santos e Edgard Leuenroth, todos os quais foram aplaudidos entusiasticamente pelo povo, cujas manifestações de descontentamento contra a premente situação economica se fizeram patentear de modo decisivo e franco no decorrer das citações dos oradores que expuzeram com precisão a causa do mal e o remedio que na contingencia actual devemos lançar mão.

O ultimo orador, fazendo considerações ponderosas sobre a carestia da vida, fez ver ao povo quanta patifaria se observa da parte da grande imprensa paulista, que se ocupa de tudo, menos da causa do povo explorado, porque, desvirtuada e ambiciosa demais, foge á sua verdadeira missão para se pôr ao lado de quem lhe oferece maior lance, como em leilão, vendendo-se ao serviço dos capitalistas, dos monopolizadores dos abastados fazendeiros e dos grandes industriais, dos politiqueiros, dos comerciantes sem escrupulos, enfim, de uma legião de exploradores que vivem á custa do trabalho alheio sem nada mais fazerem que roubar aos verdadeiros produtores, que vivem morrendo de trabalhar nas fabricas, nos campos, nas oficinas, donde tiram minguado salario que mal lhes basta para o magro pão de cada dia.

Depois, feito o encerramento, avisou o povo que, logo, de acordo com o sub-comité de agitação ali organizado, terá realização outro comicio naquele bairro.

Outros comicios

Serão realizados ainda os seguintes comicios:

Quinta-feira — A's 7 horas da noite, na Barra Funda, na Praça Brigadeiro Galvão;

Sabado — A's 7 horas da noite, na praça do Coração de Jesus, nos Campos Eliseos;

Domingo — A's 7 horas da noite no largo Guanabara, Vila Mariana;

Terça-feira — A's 7 horas da noite, no Bexiga, rua S. Antonio, esquina da rua 13 de Maio. Este comicio é promovido pelo Circulo de Estudos Sociais Conquista do Porvir.

No Rio

Foi realmente um comicio monstro, como o qualificou a imprensa, que no domingo passado realizou, no Largo de S. Francisco, a Federação Operaria com o apoio de grande numero de sociedades operarias do Rio e de fóra.

Contam-se por muitos milhares as pessoas que lá compareceram para lançar o seu protesto contra o dominio da exploração desenfreada que nos domina.

O povo carioca, numa multidão colossal, com as suas bandeiras vermelhas, com os seus estandartes e cartazes, cantando a *Internacional* e a *Marselhesa do Fogo*, andou pelas principais alterias da grande cidade a bradar contra os exploradores.

No Largo de S. Francisco, emfrente ás sédes da Confederação Operaria e da Federação falaram os companheiros Cecilio Vilar, Candido Costa, Ulisses Martins, Rosendo dos Santos, Candido Romero, Leal Junior, Joaquim de Matos e Eustaquio Silva.

Pela C. O. B. foram apresentadas duas moções: uma sobre a carestia e outra sobre a lei de expulsão. Ambas foram aprovadas com ruidosas aclamações do povo.

Para dar uma impressão aproximada do que foi o comicio, seriam necessarias muitas colunas da *Lanterna*.

Foi uma manifestação formidavel, que deve ter deixado uma profunda impressão no espirito publico.

CONFEITOS BÍBLICOS

Aos maridos desconfiados

Jeová tinha a principio, como servos, os primogenitos dos israelitas e eram-lhe consagrados todos os primogenitos dos animais. Moisés — sempre em nome de Deus, é claro — reformou nesse ponto o direito eclesiastico: a casta sacerdotal passava a ser constituida pela sua tribu, a dos levitas, com os respectivos gados... Não o tinham, aliás, os levitas ajudado a reprimir a «heresia» do bezerro de oiro?

Os levitas foram isentos de encargos militares e outros tributos e cumulados de privilegios, ganhos e recompensas. O oficio sacerdotal foi sempre rendoso. Só eles podiam tocar nas coisas santas: nenhum estranho podia meter o nariz nos misterios da religião e do culto... et pour cause.

Uma das atribuições do sacerdote era... descobrir o adulterio de qualquer mulher, por meio de um sortilegio ensinado por Deus. (Numeros, V, 11 a 31). O marido desconfiado, mas sem provas, levava-lhe a mulher suspeita, uma oferta e uma oblação. O bonzo fazia certas palhaçadas e escrevia uma maldição contra a mulher, para o caso de esta ter prevaricado. Depois apagava a maldição com agua benta adubada com poeira do chão e dava esta nojenta mixordia a beber á pobre mulher suspeita, avisando-a do que sucederia; apodrecer-lhe-ia a coxa e inchar-lhe-ia o ventre, se fosse culpada... Rara seria a desgraçada que, credula e adultera, não quizesse evitar a mixordia e a podridão, confessando...

Eis um processo simples e nobre, digno e asseado, ensinado pelo proprio Deus omnipotente...

Os maridos devotos devem ressuscita-lo. Ha só um inconveniente: se o padre for o cumplice da adultera — não é dificil, — em vez de poeira, diluirá na agua açucar refinado, e em vez da maldição, escreverá em latim uma terna declaração de amor. O ventre dela poderá inchar... mas por outros motivos. E haverá um duo de risadas á custa do marido satisfeito...

O Confeiteiro.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Volta a actividade sindical — Proseguem-se com feliz exito os trabalhos de reorganisação da classe trabalhadora desta capital, iniciados pelo Sindicato Operario de Oficios Varios.

Conforme anunciámos, teve lugar na segunda-feira passada mais uma reunião dessa novel e já prospera agremiação operaria.

Por falta de salão, essa assembleia foi realisada na séde da União Grafica, que ficou apinhada.

Depois de novamente expostos por um companheiro os fins do Sindicato e da organização operaria em geral, da sua missão na vida social e da força com que ela arma os trabalhadores na luta que são obrigados a sustentar para fazerem valer os seus direitos, passou-se ao trabalho da formação das comissões das classes, cujo numero de associados no seio do Sindicato já permitem a organização dos seus sindicatos autonomos.

Ficaram, pois, constituidas as comissões das classes dos pedreiros, estucadores e serventes, dos pintores e dos metalurgicos. Essas comissões, que ficaram encarregadas da compilação dos estatutos dos novos sindicatos e da convocação das respectivas classes, marcaram as suas reuniões para os seguintes dias:

Pintores, na quinta-feira;

Pedreiros, estucadores e serventes, na sexta-feira;

Metalurgicos, na segunda-feira proxima.

Todas essas comissões reunir-se-ão na rua Riachuelo, 43, ás 7 horas da noite.

— O numero de adesões ao S. O. de O. Varios tem aumentado animadoramente, mostrando-se todos os seus associados bem dispostos para a continuação da obra tão bem começada.

— O S. O. de O. Varios vai organizar, provavelmente para a primeira quinzena de maio, uma grande festa de propaganda.

EM SANTOS

A festa da Federação Operaria — Teve um magnifico resultado a festa realizada no dia 14 pela Federação Operaria em beneficio das familias dos trabalhadores que a policia expulsou do paiz para prestar apoio aos exploradores da Docas e da Companhia de Transporte.

O vasto recinto do Coliseu Santista encheu-se inteiramente, notando-se a presença de grande numero de senhoras, que, num simpatico movimento de solidariedade, se apressaram a prestar o seu apoio a uma tão elevada iniciativa.

O drama *A Voz do Povo*, se bem que não inteiramente vasado nos moldes dos nossos principios e do teatro moderno, foi bem representado pelo Grupo Dramatico Amor á Arte, conseguindo arrancar fartos aplausos da numerosissima plateia nos lances de revolta popular de que está cheio.

Foi tambem representada a desopilante comedia *Dispa essa farpela*.

O nosso companheiro Edgard Leuenroth realizou uma palestra sobre a questão social, demonstrando que aqui, como em toda a parte, ela está latente na luta entre as duas classes sociais — os trabalhadores que tudo produzem e os capitalistas que açambarcam todas as riquezas da sociedade.

Combatendo a lei de expulsão, demonstrou a inanidade dessa medida reacionaria, porquanto na propaganda estão tambem intersados os brasileiros, que a continuarão a sustentar com o mesmo ardor dos operarios nascidos em outros paises.

Foi uma belissima velada, já pelo seu fim grandioso, como seja o de prestar apoio aos perseguidos dos brutos armados de autoridade, já pela sua ordem perfeita, apesar da intervenção aparatosa da policia.

* *

E, a proposito, não podemos deixar de registar o procedimento ostensivamente czaresco da policia santista.

Não exageramos. E para prova do que afirmamos aqui vão os factos.

Na vespera da festa, a comissão organizadora foi chamada á delegacia, onde foi submetida a um rigoroso interrogatorio por parte do famigerado Bias Bueno e do seu escudeiro Rato.

Perguntaram que drama ia ser representado, exigindo a discrição do seu enredo. Indagaram tambem quem ia falar, o assunto de que trataria e não sabemos quantas coisas mais.

Ao ensaio geral compareceu o sr. Rato para, *de visu*, verificar se realmente o drama a ser representado não veria trazer a revolução...

Para o Coliseu foram mandados todos os secretas de Santos e numerosos soldados. Por todos os cantos notavam-se as caras lombrosianas desses tipos repelentes, a farejar, a correr, numa grande azafama, em busca de alguem que lhes satisfizesse a furia canina.

O tal sr. Rato, e que substitue ao famigerado Bias, tambem lá estava, a andar daqui para ali, como a fugir de algum gato...

Logo á sua chegada chamou um dos membros da comissão, perguntando pelo orador. Apresentou-se o nosso companheiro Edgard.

— E' o sr. quem vem falar, o sr. José Romero? perguntou o homem, todo empertigado, muito cheio de majorismo.

— Venho em substituição desse companheiro.

— Sobre o que vai falar o sr.? tornou ele a perguntar tendo na mão o programa indicando o tema da conferencia.

— Sobre o tema aí indicado, está claro.

— Mas eu não permitirei que nem de leve critique os homens do paiz, nem a mais simples alusão, porque então haverá perturbação da ordem.

E lá se foi o nosso Rato, que estava disposto, como se vê, a «manter» a ordem.

Pouco depois volta o homem, o nosso Rato.

— Hontem á noite ficou deliberada a supressão desta parte do programa, por isso eu suspendo a conferencia.

— Eu, porêm, não me conformo com isso. Falarei porque para isso vim a Santos. Depois, a Constituição...

— Mas nós, as autoridades, podemos estabelecer restrições.

— Entretanto, eu farei a conferencia.

— Mas não toque nos nossos homens, porque então haverá perturbação da ordem.

E lá se foi o nosso homem (o major não nos esqueçamos) em busca provavelmente dalgum queijo para roer...

Ainda havemos de arranjar um gato para este Rato...

A GUERRA

A Guerra! Sómente com o pensar nesta palavra, sofro um estremecimento como se me falassem de bruxaria, de inquisição, de alguma coisa longinqua, fenecida, abominavel, contra natura.

Quando nos falam dos antropofagos, sorrimos com orgulho proclamando a nossa superioridade sobre aqueles selvagens: quais são os selvagens, os verdadeiros selvagens? Os que se batem para comer os vencidos, ou os que se batem para matar, nada mais que para matar?

Os soldados que bivaqueiam ali em baixo nos vales vão destinados á morte, como os rebanhos de carneiros que um carniceiro conduz pelo caminho. Hão-de cair com a cabeça fendida por uma cutilada ou o peito destroçado por uma bala, e, no entanto, esses jovens podiam trabalhar, produzir, ser uteis. Seus pais são velhos e pobres: aquelas que, durante vinte anos, os amaram como só as mães sabem amar, hão-de receber a noticia de que o filho, o *seu menino*, a criança já feita homem á custa de trabalho, de tanto amor, dorme para sempre despedaçado pela metralha no fundo dum barranco... Por que razão mataram o seu filho, a sua unica esperança, o seu orgulho, a sua vida?... Ninguem o sabe... Sim... por quê?

A guerra!... bater-se... destroçar!... assassinar homens!... E temos, na nossa época, com a civilização actual, com a extensão actual dos conhecimentos, com o grau de filosofia a que cremos ter chegado o genio humano, escolas onde se ensina a matar, a matar de muito longe, a matar com perfeição, a matar pobres diabos, homens inocentes, carregados de familia.

O mais inaudito é que o povo não se subleve contra o governo. Que diferença ha, pois, entre as monarquias e as republicas?

Ah! Vivemos sempre sob o peso de carcomidos e odiosos costumes, de criminosos prejuizos, de ideias ferozes, de tradições barbaras dos nossos ferozes avós, porque somos irracionais, continuaremos a ser irracionais a quem o instinto domina.

Não é verdade que se teria insultado qualquer outro que não fosse Vitor Hugo, ao lançar este formoso grito de liberdade e de verdade?: — «Hoje em dia a força tem o nome de violencia e começa a ser julgada; a guerra é acusada de monstruosos delitos. A civilização, obedecendo ás instigações do genero humano, instrue o processo e resolve o enorme cadastro dos conquistadores e capitães. Os povos vão começando a compreender que o aumento do crime não poderá nunca ser a sua diminuição, e que se matar é uma perversidade, matar muito não pode ser uma circunstancia atenuante; que se roubar é uma vergonha, saquear não poderá ser uma gloria. Ah! Proclamemos estas verdades absolutas: desonremos a guerra».

Colera vã! indignação de poeta! A guerra é hoje mais venerada do que nunca.

Um artista habil neste ponto, um assassino de genio, Moltke, respondeu um dia aos delegados da paz com as seguintes estranhas frases: «A guerra é santa, de instituição divina, é uma das leis sagradas do mundo: expande nos homens todos os grandes, todos os nobres sentimentos: a honra, o interesse, a virtude, o valor, e livra-nos, em suma, de cair no mais grosseiro materialismo».

Reunir-se em exercitos de 400.000 homens, marchar dia e noite sem repouso, não pensar em nada, não estudar nada, não aprender nada, não ler nada, não ser util a ninguem, apodrecer de porcaria, dormir no lodo, viver com brutos num embrutecimento continuo, saquear as cidades, queimar as aldeias, destruir povos, depois tropeçar com outra aglomeração de carne humana, lançar-se em cima dela, fazer com que o sangue corra e a carne se amontoe misturada com a terra umida e gelada, levantar montões de cadaveres, ter mortos de cansaço os braços e as pernas, e o cerebro despedaçado, sem que isto redunde em proveito de ninguem, e por fim morrer á beira dum riacho enquanto os pais, a mulher, os filhos se arrastam esfomeados: eis o que se chama não cair no mais grosseiro materialismo!

Os homens de guerra são a maior calamidade do mundo. Lutamos contra a natureza, contra a ignorancia, contra toda a especie de obstaculos, para tornar menos dolorosa esta miseravel vida. Homens, bemfeitores e sabios, malbaratam a sua existencia em trabalhar, em procurar o que possa servir de ajuda, de socorro, de alivio aos seus irmãos. Engolfam-se inteiramente na sua util tarefa, acumulando as descobertas, engrandecendo o espirito humano, fazendo progredir a sciencia, dando dia a dia ao intelecto uma soma de saber novo, contribuindo incessantemente para o bem-estar, para a força e poderio das nações.

Chega a guerra. Em seis meses, os generais anulam vinte anos de esforço, de paciencia e de genio.

A isto se chama não cair no mais grosseiro materialismo!

Temos visto a guerra. Temos visto os homens convertidos em brutos, matar por prazer, por bravata, por distração. Quando o sentimento de humanidade não existe, quando toda a noção da justiça desaparece, temos visto fuzilar inocentes encontrados num caminho e condenados por suspeitos porque tinham medo. Temos visto matar cães amarrados á porta de seus amos, tão sómente para experimentar revólveres novos; temos visto metralhar, por prazer, vacas á solta nos campos, sem razão alguma, pelo gosto de disparar as espingardas, por simples divertimento.

A isto se chama não cair no mais grosseiro materialismo!

Entrar num paiz, assassinar o homem que defende e guarda o seu lar, porque enverga uma blusa e não traz barrete na cabeça, queimar as habitações dos miseraveis que não teem pão, quebrar moveis, roubar joias, beber o vinho guardado nas adegas, violar as mulheres nas ruas, queimar milhões de francos em polvora, e deixar um rasto de miseria e de colera: a isto se chama não cair no mais grosseiro materialismo!

Digam-me, pois. Que teem feito os guerreiros para demonstrar sequer um pouco de inteligencia? Nada. Que teem inventado? Canhões e balas. Eis tudo. Não fez acaso mais pelo homem o inventor do carrinho de mão com essa simples e pratica ideia de ajustar uma roda a duas taboas, de que o inventor das fortificações modernas?

Que nos resta da Grecia? Livros, marmores. E' grande porque venceu ou porque produziu?

Livrou-a de cair no mais grosseiro materialismo a invasão dos Persas? Salvaram e regeneraram Roma as invasões dos barbaros? Continuou Napoleão I o grande movimento intelectual iniciado pelos filosofos do ultimo seculo?

Pois bem: já que os governos se arrogam o direito de morte sobre os povos, não é de estranhar que os povos se arroguem algum dia o direito de morte sobre os governos. Defendem-se. Fazem bem: Ninguem tem direito absoluto de governar os mais.

Guy de Maupassant.

A "Lanterna" em Sete Lagoas
(MINAS)

Levantou nesta pacifica cidade uma celeuma de todos os diabos a correspondencia daqui escrita e publicada no n. 179 da *Lanterna*. Foi o mesmo que atirar pedras em caixas de maribondos: a carolada imbecil, tendo á frente um decrepito sr. Soalheiro, estupido capanga do imoral conego Sansoni, sentiu-se ferido nos seus sensiveis melindres de crentes boçais, e gritou aqui d'El-rei! A mostarda chegou-lhes ao nariz. Antes assim. E' sinal de que a coisa doeu. As verdades são duras e doem...

Já disse o incomparavel Eça que o beato é o tipo mais boçal dentre os boçais. A sua crença não está em Deus, a sua preocupação não é o que a religião tem de espiritual: o seu deus é o padre, um deus mais acessivel ao contacto; a sua crença é o padre, toda a sua fé se consubstancia no padre. Não admite que se lhe toque, não pode compreender que tambem ele é susceptivel a fraquezas, sendo um homem como os mais. O padre é um sêr excepcional, privilegiado, em quem não entram as tentações mundanas, em quem sómente tem poder a inspiração divina, um sêr enfim á parte, digno de todas as benemerencias e de toda veneração. Tocar portanto nesta entidade sobrenatural é peor, para o beato, do que pisar-se aos pés um crucifixo, é peor do que levantar-se sacrilegamente a saia da Virgem para verificar-lhe... a virgindade. Tocar na pessoa dum padre, mesmo que seja um padre da laia dum Sansoni, imoral e perverso... e otras cositas más, é crime inominavel, só punivel com as antigas fogueiras da Inquisição...

De gente desta especie, infelizmente, está cheia a nossa bela cidade de Sete Lagoas. Ao lado de homens inteligentes e preparados e de ideias avançadas portanto, prolifera, como cogumelos daninhos, a praga dos carolas. Ao lado da tolerancia culta dá coices e urros a intolerancia fanatica.

Este lamentavel contraste não deixa de ferir as almas daqueles que amam esta linda terra, digna na verdade de sorte melhor. A intolerancia religiosa que nela dogmatiza tira-lhe os foros de cidade civilizada, a que mui justamente aspira.

Como iamos acima dizendo, o tipo do carola é geralmente estupido e intolerante. A tolerancia é qualidade das almas superiores. A tolerancia, disse alguem, é a caridade da inteligencia. Sendo como é, o beato não pode tolerar que se toque nas mazelas dos seus deuses, os padres. E como a sua cretina estupidez não lhe fornece argumentos de logica para combater no terreno das ideias e dos factos quem ouse bulir com os seus idolos; é como o pensamento do seculo não permite mais que sejam acesas as fogueiras da Inquisição para assar os herejes, o supremo argumento do carola é o cacete do brigão e o palavreado baixo dos becos e bordeis.

E foi assim que os carolas boçais de Sete Lagoas tentaram rebater as verdades que um distinto e inteligente joven disse, pelas colunas desta folha, a respeito de certas coisinhas de igreja. Tentaram agredi-lo, dirigiram-lhe os mais pesados insultos.

Corja de imbecis, cães, cobardes, vós todos, sacripantas de sacristia, sómente sois dignos do meu desprezo e da minha repulsa. Causais-me nojo. Tendes coragem para agredir um joven indefeso e pacifico, mas não tendes coragem para mais nada, cobardes! Quem este escreve não vos teme, em qualquer terreno que seja, e daqui continuará desmascarando as poucas-vergonhas do vosso indecente deus Sansoni e pondo á mostra as vossas calvas e a vossa cretinice.

X. X.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Inglaterra

CONCORRENCIA — A Igreja presbiteriana de Londres votou por unanimidade uma resolução deplorando que a municipalidade londrina tenha autorizado a abertura dos museus de pintura e outros lugares de recreação artistica e educativa ao domingo, agindo assim «como inimiga da religião e portanto do bem-estar nacional!»

O que essa igreja teme é a concorrencia feita aos seus templos por aqueles lugares...

Alemanha

O CRIME DE PENSAR — Na Alemanha continúa o regime da mordaça para a imprensa livre. Assim, temos recentemente;

Condenação do editor do *Freie Arbeiter* a dois meses de cadeia por um artigo;

Idem do editor do *Pionier*, de Berlim, a um mez, por um artigo puramente teorico;

Processo de Frick, redactor de *Der Kampf*, de Hamburgo, por crime identico;

Idem de Berthold Gahn, por um artigo sobre a «Ideia da Greve Geral» no *Freie Arbeiter*.

E que faz, nesse paiz ainda semi-feudal e semi-absolutista, a «poderosa» social-democracia? Que fazem os milhões de votantes «socialistas» e a centena de deputados não menos «socialistas»?

O ENSINO LEIGO — O parlamento alemão votou uma resolução favoravel á revogação das leis anti-jesuiticas. Em compensação, a comissão do Conselho escolar de Hamburgo, encarregada de elaborar uma nova lei escolar, diz no seu relatorio o seguinte: «visto que as nossas escolas publicas admitem crianças de todas as confissões, nenhum ensino confessional nelas se pode dar. Para os primeiros quatro anos de estudo deve ser suprimida a lição de religião. Para as classes superiores é ela substituida por um curso de historia das religiões, baseada nas investigações scientificas. A manter-se a lição de religião, dela deverão ser dispensadas as crianças, cujos pais assim o exijam.»

O KAISER E DEUS — Em 9 de fevereiro, nas festas do centenario da libertação da Prussia em 1813, o imperador, diante dos estudantes da Universidade berlinesa, fez um discurso, no qual ha as seguintes passagens:

«O povo prussiano só tornou a achar a sua grandeza moral quando encontrou de novo a sua fé: a religião... O povo prussiano viu todos os seus pilares desabarem em 1806 por ter perdido a fé após o reinado do grande rei Frederico: deve-se ver nisso a mão de Deus e não a dos homens... Forge assim a mocidade alemã para si um escudo de fé!»

Comentario do *Berliner Tageblatt*:

«O imperador disse que a Prussia perdeu a fé pouco depois da morte de Frederico II e foi por isso batida em 1806. Ora deve notar-se que Frederico II, livre-pensador, foi um rei victorioso; ao passo que a Prussia desabou no reinado dum principe muito pio! Religião e factos historicos são decididamente coisas diversas!»

Naturalmente ao kaiser e ao seu poder convem a religião do seu povo...

Suissa

PELAS ALDEIAS — Em Lodano (Tessino) 10 % dos habitantes declaram que saiam da Igreja e pediram dispensa da contribuição para as despesas do culto. Em S. Nazzaro foi assinada uma declaração identica por alguns grupos de habitantes. Entre os declarantes de Lodano ha até parentes do paroco, padre Tomasini.

ENSINO LEIGO — Separada a Igreja do Estado no cantão de Basiléia, os livres-pensadores reclamam a supressão do ensino religioso nas escolas. E nisso são acompanhados pelos catolicos, que não reconhecem ao Estado o direito de impor aos filhos deles mestres protestantes. Reconheceriam, porêm, o de impor ás outras crianças mestres catolicos...

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

SEMEAR, PARA COLHER

A TODOS OS AMIGOS DA "LANTERNA" LEMBRAMOS QUE, DEPOIS DE A LEREM É DA MAXIMA UTILIDADE NÃO A DESTRUIREM. OS QUE NÃO A GUARDAREM, PARA COLECIONAR, DEVEM DÁ-LA A OUTRA PESSOA, LÊ-LA AOS QUE NÃO SABEM LER, DEIXÁ-LA NAS FABRICAS, NAS OBRAS, NAS OFICINAS, NOS BARBEIROS, NOS CAFÉS, NOS RESTAURANTES, NOS JARDINS, NOS CARROS, NOS TRENS NAS BARCAS, ETC., EM TODA A PARTE, ENFIM, ONDE POSSA SER LIDA POR OUTROS. ESPALHAR É SEMEAR, É TORNÁ-LA CONHECIDO, É FAZER DELA A PROPAGANDA, É CONQUISTAR NOVOS ADEPTOS PARA A NOSSA OBRA.

TAMBEM TODOS DEVEM ARRANJAR NOVOS ASSINANTES E DESENVOLVER A VENDA AVULSA, AFIM DE QUE POSSA PROPAGAR MAIS LARGAMENTE A OBRA EM QUE TODOS ANDAMOS EMPENHADOS.

FOLHETIM DA LANTERNA (38)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE
Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE
Flor de Maio
XV
O ENCONTRO

Dentro em pouco, achavam-se diante da portaria do convento.

— Senhores, disse Salverio, vou tratar de saber o que foi feito daquela religiosa...

Chamou e a irmã rodeira entreabriu a porta.

— E' possivel falar á superiora?

— Duvido, senhor.

— Devo advertir-vos de que, no caso de me ser negada a entrevista que solicito, entrarei á força...

— Fazei favor de esperar, disse a rodeira assustada.

Dez minutos depois, estava de volta.

— A reverenda madre consente em vos ouvir, senhor; mais deveis entrar sozinho.

Salverio aceitou e momentos depois foi introduzido numa sala de recepção nua e fria, contrastando com o luxuoso quarto da superiora. Esta aguardava-o de pé.

— Senhora, disse Salverio, após um cumprimento cortês, perdoai-me o incomodo, mas obriga-me a importunar-vos um interesse superior...

— Falai, senhor, e se eu puder ser-vos util, com muito gosto vos servirei.

Salverio achou áquela mulher um aspecto nobre.

— Não ha neste convento uma sóror Santo Madalena?

— Sim, senhor.

A superiora sentira um abalo e esperou com uma ansiedade não manifestada.

— Nesse caso, tenho um favor a pedir-vos. Desejaria falar com ela durante um minuto.

— E' impossivel, senhor.

— E' necessario, entretanto!

— E' impossivel, ao menos agora, não por causa da regra, que eu suspenderia pela simpatia que me inspirais... *(Salverio inclinou-se)* mas porque sóror Santa Madalena não está no convento...

— Mas não tardará? perguntou Salverio, angustiado.

— Assim espero.

— Esperais? Não o sabeis com certeza?

— Infelizmente, não. Sóror Santa Madalena pediu-me esta noite licença para levar remedios ao filho de uns pobres por quem se interessa. Como eu tinha absoluta confiança nela, por ter muito juizo e coração, cedi; mas bem castigada estou pela imprudencia. Ainda não voltou! Mandei percorrer as redondezas: ninguem a viu! Fugiu? Foi atacada por famintos ou ladrões? Não sei. Não sei até onde moram os pobres que ela foi ver, se é que realmente foi!

Salverio estava consternado. A narração da superiora era concorde com os factos. Demais, ela acrescentou:

— Se quereis voltar e se por felicidade já tiver regressado a nossa infeliz companheira, podereis falar-lhe.

Desesperado, profundamente abatido, Salverio agradeceu e retirou-se cambaleando.

. . . .

No momento em que Salverio entrava no convento, aproximavam-se rapidamente de Francières uns cavaleiros vindos de Abbeville por um atalho.

O convento era no extremo da aldeia, do lado do castelo d'Etallondes. No outro extremo, principiava o caminho que se dirigia á hospedaria do *Rei da Boêmia*; a este caminho vinha dar, formando com ele um angulo agudo com o vertice á entrada do povoado, o atalho de Abbeville, pelo qual galopavam os cavaleiros, levando á sua frente o arcipreste Gerfaut e o conde de Belleval.

Este, logo que escapara a Salverio, tinha corrido ao proximo quartel de cavalaria, pedira um cavalo e uma escolta e lançara-se em perseguição do inimigo. Detivera-o a porta da cidade subitamente fechada.

O sargento do posto, como fôra encontrado atado e amordaçado, pudera contar que tinha sido surpreendido pelas costas, ao fazer uma ronda. A mentira obrigara-o a calar o nome dos agressores. Não se livrou, porêm, de um mez de cadeia, consolando-o as moedas de oiro recebidas.

De Belleval, furioso, fôra então acordar o arcipreste, referindo-lhe o sucedido.

— E' preciso apoderarmo-nos daquele homem a todo custo! concluiu ele.

— Mas sobretudo do Cavaleiro!

O conde sorriu zombeteiramente, perguntando:

— E pôr em lugar seguro Flor de Maio, não é verdade?

— Não está segura no convento de Francières?

— Sêde franco ao menos uma vez. Desde que cheguei, só pensais nisto: o Cavaleiro de La Barre teve a audacia de voltar a Abbeville, — logo é capaz de arriscar a vida para encontrar a sua amada. E vós temeis que a encontre. Por isso estais pensando em mudar o passaro para outra gaiola mais segura. Não é isto?

— E'. Amanhã de manhã Flor de Maio deixará Francières. Vireis comigo.

— Bom. Mas depois haveis de me ajudar a livrar-me do outro. Antes disso, não dormirei tranquilo.

— Prometo; odeio-o tanto como vós. E alêm disso os interesses da Igreja...

De Belleval soltou uma risada e interrompeu-o.

— Até amanhã! A's seis e meia, cá estarei com uma escolta.

Com efeito, ás sete estavam os dois a caminho com a escolta e por volta das dez chegavam ás primeiras casas da aldeia.

Foi então que o conde viu ao longe Estocada e Cabeça de Ferro, aos quais não prestaria atenção, se não os visse com dois frades.

— Olhai, acolá: parecem-me caras conhecidas.

Gerfaut examinou por um instante os frades e exclamou:

— Pela Virgem! São frei Oremus e D. Mafio! Que terá sucedido? Donde virão escoltados por aqueles dois cavaleiros?

— E' preciso saber isso! exclamou o conde.

E partiram á desfilada em direcção aos frades, que gritaram, logo que os reconheceram:

— Socorro!

— Ouvis? disse Gerfaut.

— São decerto salteadores que querem sequestrar os frades.

Logo que os alcançou, o conde gritou:

— Rendei-vos, canalhas!

Imaginava que não tentariam sequer resistir. Mas Cabeça de Ferro começou com o seu pesado espadão um terrivel sarilho, ferindo logo dois dos cavaleiros. Quanto aos frades, meio mortos, tinham-se apeado e escondido á beira do caminho.

— Apoderai-vos desse condenado! clamou o conde.

— Desta vez, isso é mais facil de dizer do que de fazer! replicou Cabeça de Ferro.

Era um torvelinho, o espadão. Um terceiro soldado, ferido no rosto, fugiu, praguejando. Dez cavaleiros rodeavam agora Cabeça de Ferro.

Neste momento, ecoaram quatro tiros seguidos. Era Estocada que, tendo a principio dado rapidas instruções a Cabeça de Ferro e simulado uma fuga para o lado da estrada, voltava agora de surpresa com quatro pistolas: as dele e as do companheiro. Com os quatro tiros bem certeiros, ficaram seis homens fora de combate! Ao mesmo tempo gritava:

— A eles! a eles! Matemo-los!

Foi panico! O conde e Gerfaut, lividos, assim como o resto da escolta; fugiram numa correria doida, saudados por uma gargalhada dos vencedores.

— Por vida! Naquele passo chegarão depressa ao *Rei da Boêmia*! disse o flamengo.

— Sim, mas partamos depressa, tanto mais que tenho uma entrevista interessante no caminho.

— Com a freira?

— Justamente. A caminho! Que pena termos perdido os frades! Fariamos uma entrada triunfal no castelo!

— As mulas deles estão ali, disse Cabeça de Ferro. E destes soldados, que faremos?

— Ora! Que façam como os camaradas. Que voltem pelo mesmo caminho. Parece que ouço gemidos fora da estrada... Vamos dar-lhes ao menos de beber...

Estocada aproximou-se da valeta, onde se viam duas bolas enormes.

— Parecem bichos! exclamou Cabeça de Ferro.

— São os nossos frades! D. Mafio! Eh! frei Oremus! A pé! O perigo passou.

Os frades ergueram a cabeça.

— Quem nos fala? balbuciou frei Oremus.

— E' o demonio! exclamou D. Mafio, escondendo de novo a cara.

O gascão deu uma risada e clamou:

— Vamos! fora de aqui! ou saireis pelas orelhas!

Os frades levantaram-se a custo.

— Sabeis, disse-lhes Estocada, que gritais bem quando vos apraz? Por causa dos vossos clamores, tivemos de lutar com salteadores de estrada. Estes bandidos queriam por força separar-nos de vós! Tivemos um trabalhão para os persuadir de que preferieis ficar connosco. Vamos! Aqui estão as mulas, que entenderam que deviam esperar-vos.

Os dois monges montaram, com um fundo suspiro e todos retomaram a marcha interrompida. Neste momento apareceram quatro cavaleiros, que Estocada reconheceu logo com alegria.

. . . .

Salverio, depois da conversa com a superiora das carmelitas, voltara para junto dos amigos, a quem referira o desaparecimento de soror Santa Madalena. O Cavaleiro sentiu fundamente o golpe.

— Aquela freira enganou-nos, disse ele magoadamente; o que ela quiz foi impedir-nos de chegar a Paris antes do conde de Belleval. Vamos já, peço-vos; talvez ainda o alcancemos... e então...

Neste momento ouviram-se tiros ao longe.

— Que é aquilo? exclamou d'Etallondes.

(Continúa).